

# REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 39 No. 1 Janeiro - Abril 2026

ARTIGO

## MUITO ALÉM DE LÁGRIMAS E FULIGEM: RESISTÊNCIA DAS MEMÓRIAS ESCULTÓRICAS DO BRASIL MERIDIONAL

Ivana Oricchio\*, Angela Camardella Rabello\*\*, Mariana Ferreira\*\*\*, Pedro Luiz Von Seehausen\*\*\*\*, Ana Luiza Castro do Amaral\*\*\*\*\*, Claudia Rodrigues-Carvalho\*\*\*\*\*, MaDu Gaspar\*\*\*\*\*

### RESUMO

O artigo objetiva apresentar as esculturas líticas do Brasil Meridional do acervo do Museu Nacional sobreviventes ao incêndio de 2018, bem como seu potencial para futuras pesquisas. Dado seu apelo visual, o desenvolvimento deste trabalho prioriza o compartilhamento de imagens das peças. Uma visão geral antes do sinistro é oferecida a partir de pesquisas acadêmicas e artigos científicos que disponibilizaram fotos das peças do acervo. Os tipos de danos sofridos são apontados por meio da análise do estado de conservação de um conjunto de peças que podem integrar futuras exposições. Nota-se que, mesmo diante da perda irreparável, os zoólitos resistem enquanto memória de um povo que ocupou a costa do Brasil Meridional e persistem como fonte de inspiração para novos estudos.

**Palavras-chave:** Esculturas líticas; zoólitos; memória; incêndio; Museu Nacional.

\* Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - PPGArq/MN. E-mail: [ivanaoricchio@ufrj.br](mailto:ivanaoricchio@ufrj.br).  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6155-9727>.

\*\* Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: [angela@mn.ufrj.br](mailto:angela@mn.ufrj.br).

\*\*\* Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: [marianaduarte@mn.ufrj.br](mailto:marianaduarte@mn.ufrj.br).

\*\*\*\* Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: [pedrovonseehausen@mn.ufrj.br](mailto:pedrovonseehausen@mn.ufrj.br).  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2105-7877>.

\*\*\*\*\* Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: [ana.amaral@mn.ufrj.br](mailto:ana.amaral@mn.ufrj.br).  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3650-4476>.

\*\*\*\*\* Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - PPGArq/MN. E-mail: [claudia@mn.ufrj.br](mailto:claudia@mn.ufrj.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9491-0659>.

\*\*\*\*\* Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - PPGArq/MN. E-mail: [madugaspar@mn.ufrj.br](mailto:madugaspar@mn.ufrj.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5483-4495>.

## FAR BEYOND TEARS AND SOOT: ENDURANCE OF THE SCULPTURAL MEMORIES OF SOUTHERN BRAZIL

---

### ABSTRACT

This paper aims to present the lithic sculptures of Southern Brazil, part of the National Museum/UFRJ collection, which survived the 2018 fire, and discusses their potential for future research. Given their visual appeal, this work prioritizes sharing images of the pieces. An overview of the collection before the disaster is provided through academic research and papers that included photographs of the pieces. The types of damage are highlighted through analysis of the conservation status of a selection of pieces that may be included in future exhibitions. It is observed that, despite the irreparable loss, the zooliths endure as heritage of the people who once inhabited the Southern Brazilian coast and persist as a source of inspiration for new studies.

**Keywords:** Lithic sculptures; Zooliths; Memory; Fire; Museu Nacional.

## MÁS ALLÁ DE LÁGRIMAS Y HOLLÍN: RESISTENCIA DE LAS MEMORIAS ESCULTÓRICAS DEL BRASIL MERIDIONAL

---

### RESUMEN

Este artículo busca mostrar las esculturas líticas de Brasil Meridional que se encuentran en la colección del Museo Nacional (Brasil) y que había sobrevivido al incendio de 2018, así como su potencial uso en futuras investigaciones. Dado su atractivo visual, el desarrollo de este trabajo prioriza compartir imágenes de las piezas. Se presenta una visión general previa al siniestro basada en investigaciones académicas y artículos científicos que pusieron a disposición fotos de las piezas de la colección. Los tipos de daños sufridos se señalan en un análisis del estado de conservación de un conjunto de piezas que podrían formar parte de futuras exposiciones. Se observa que, incluso ante la pérdida irreparable, los zoolitos perduran como memoria de un pueblo que ocupó la costa de Brasil Meridional y persisten como fuente de inspiración para nuevos estudios.

**Palabras clave:** Esculturas líticas; Zoolitos; Memoria; Fuego; Museo Nacional.

## INTRODUÇÃO

As esculturas do Brasil Meridional (SP, PR, SC, RS) e do Uruguai evocam formas animais com diferentes graus de detalhamento, permitindo, em alguns casos, sua identificação taxonômica. Muitas apresentam cavidades arredondadas ou angulosas de localização e volume variados. Foram encontradas em diferentes tipos de sítios arqueológicos, embora muitas sejam provenientes de sambaquis, tornando pertinente sua associação aos construtores dessas estruturas do litoral meridional brasileiro. Em sua tese, Pompeu (2021) computou 322 peças, dentre as quais 51 estavam sob a guarda do Museu Nacional (MN), vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), até 2018.

Apresentar à comunidade científica as 31 estatuetas resgatadas e seu potencial para inspirar futuras pesquisas é o objetivo deste artigo. Nossa jornada começa muito antes do incêndio, apreciando a riqueza do acervo do MN a partir da perspectiva de diferentes autores (“Histórico das pesquisas”). Os resultados impactantes do fogo sobre as esculturas são a nossa primeira parada (“O incêndio, o resgate e as condições de algumas estatuetas”), de onde seguimos para as possibilidades que se desvelam a despeito dos efeitos da tragédia ou graças a eles. Por fim, trazemos “Imagens inspiradoras” que demonstram como os espécimes resgatados podem ensejar novos estudos.

## HISTÓRICO DAS PESQUISAS

Os zoólitos têm sido estudados por diversos pesquisadores desde o século XIX. Involuntariamente, todo o conhecimento gerado preparou o terreno para, no século XXI, florescer a conexão entre essas esculturas e o perspectivismo ameríndio (Viveiros de Castro, 2002), conceito pan-americano que, segundo Denise Gomes (2012), trata das relações simbólicas entre humanos e outros seres, reconhecível a partir de etnografias, mitos e da iconografia de artefatos arqueológicos que contêm transformações corpóreas.

De forma muito condensada, trazemos imagens e alguns dos aspectos abordados por autores que expuseram as esculturas do acervo do MN antes do incêndio. Algumas considerações são recorrentes em várias publicações, tais como o reconhecimento das habilidades escultóricas, a sugestão de identificação dos seres representados (Cabral, 1969; Faria, 1959; Garcia, 2018; Gaspar, 1995; Gomes, A., 2012; Moreiras, 2015; Netto, 1885; Oricchio, 2019; Pompeu, 2021; Prous, 1974; Serrano, 1940; Wiener, 1876) e a correlação das peças com práticas rituais, cerimoniais ou sagradas (Cabral, 1969; Faria, 1959; Garcia, 2018; Gaspar, 1995; Gomes, A., 2012; Moreiras, 2015; Netto, 1885; Oricchio, 2019; Pompeu, 2021; Prous, 1977; Serrano, 1940).

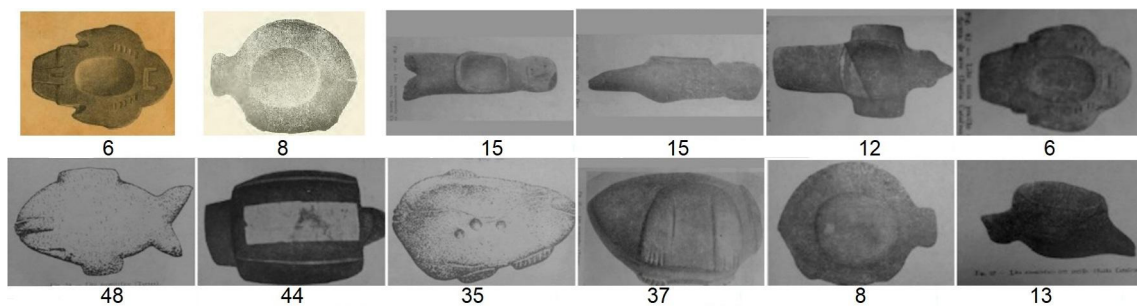
No século XIX, Carlos Wiener (1876, p. 14) divulga um “almofariz” em forma de arraia. Anos depois, Ladisláu Netto (1885) sugere que os zoólitos teriam sido utilizados para sorver ou preparar substâncias destinadas a uso cerimonial, ideia acompanhada por Antonio Serrano (1940). Em 1959, Castro Faria identifica dois animais diferentes (um tubarão e uma ave) em uma única escultura, além da ambiguidade em peças que suscitam a presença de aves e quelônios marinhos. Oswaldo Cabral (1969) ressalta o apurado senso estético e a técnica aprimorada na confecção dos zoólitos platiformes. André Prous (1974, 1977) integra dados e/ou imagens de 242 espécimes em obras consideradas referências para o estudo do tema. Para Prous (2018), as estatuetas eram objetos de alto valor simbólico que poucos indivíduos teriam o direito de levar para seus túmulos. Maria Dulce Gaspar (1995) afirma que a intimidade dos escultores com o mar poderia ser percebida com base no tratamento detalhado dado a um albatroz em osso, ave típica de mares distantes.

Inaugurando uma nova fase nos estudos das esculturas, Angela Gomes (2012) sugere a aplicação de conceitos como o perspectivismo ameríndio, o xamanismo e

o totemismo para a compreensão dessas peças. A autora salienta a existência de uma escultura que permite a observação de uma tartaruga e de uma pessoa. Rodrigo Moreiras (2015) identifica microvestígios botânicos em quatro zoólitos. O autor interpreta as possíveis marcas de queima em fitólitos e alterações em grãos de amido como evidências de processamento (torra e moagem) de vegetais não associados à alimentação. As peças seriam parte da parafernália ritual utilizada para inalação de rapé. Jefferson Garcia (2018) afirma que esses artefatos expressam uma cosmovisão associada ao xamanismo. Ivana Oricchio (2019) identifica nove esculturas em que diferentes seres compartilham o mesmo volume corpóreo, sugerindo alguma espécie de metamorfose interespecífica, em que bichos viram outros bichos, mortos e xamãs assumem formas de animais ou seres humanos são transformados em animais (Viveiros de Castro, 2002). Filipi Pompeu (2021) sugere a relação das esculturas com diferentes tipos de ritos de passagem e com ciclos de chegada e partida de animais e pessoas em migração através do território sambaquiano.

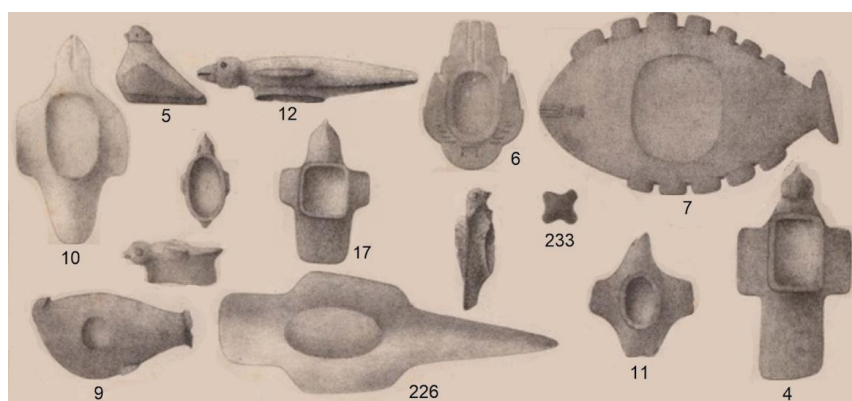
A compilação das imagens das peças do acervo do MN mostradas por esses autores (Figuras 1 a 7)<sup>1</sup> sintetiza suas percepções visuais. Cada escultura é identificada pelo número no catálogo de Prous (1974), cujo código correspondente na instituição de guarda é listado na Tabela 1.

**Figura 1.** Esculturas apresentadas por Carlos Wiener, Ladisláu Netto e Antonio Serrano.



Fonte: Imagens adaptadas, da esquerda para a direita, de Wiener (1876, 1ª imagem), Netto (1885, 2ª imagem) e Serrano (1940, demais imagens). Acervo do MN.

**Figura 2.** Esculturas apresentadas por Ladisláu Netto.

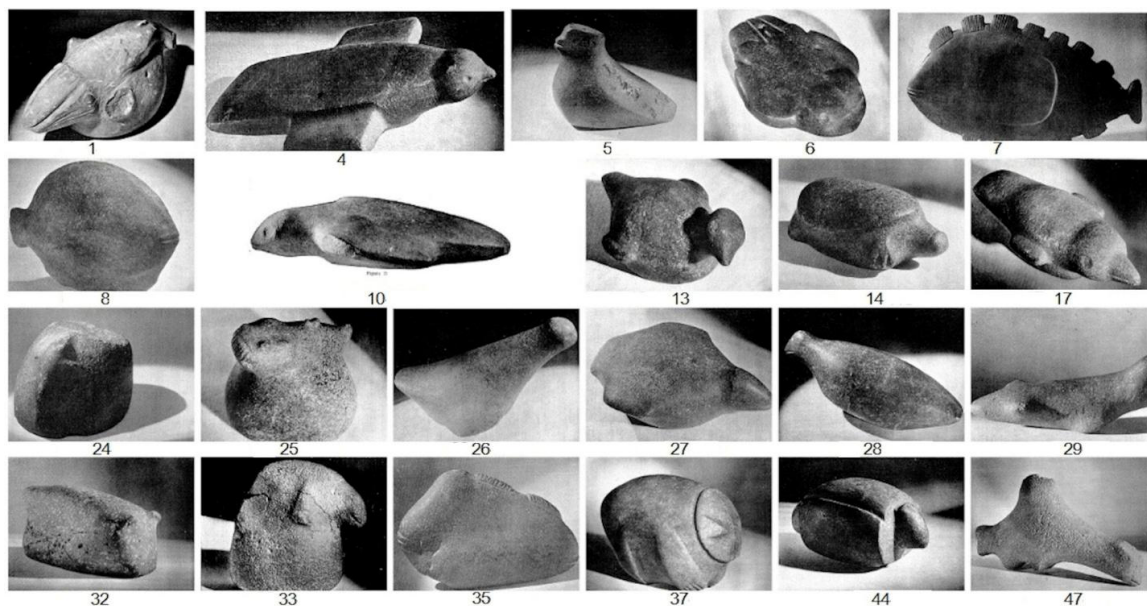


Fonte: Adaptado de Netto (1885). Acervo do MN.

Observação: Os desenhos sem códigos não puderam ser associados a peças do acervo.

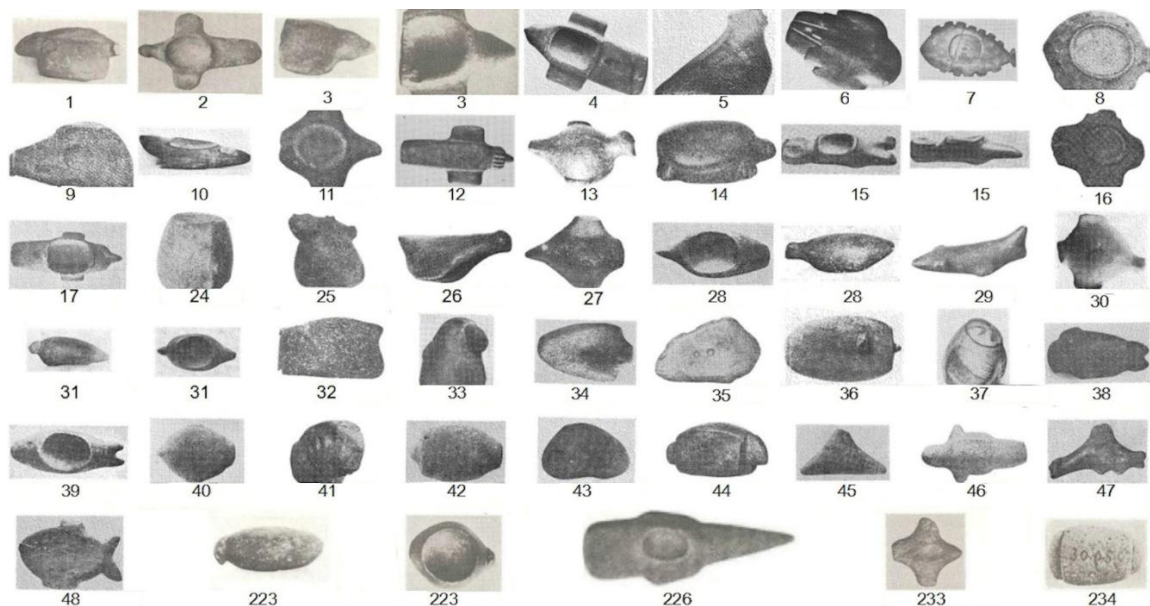
<sup>1</sup> Não foram gerados novos quadros a partir de imagens já contempladas neste estudo, ainda que republicadas ou editadas por outros pesquisadores.

**Figura 3.** Esculturas apresentadas por Castro Faria.



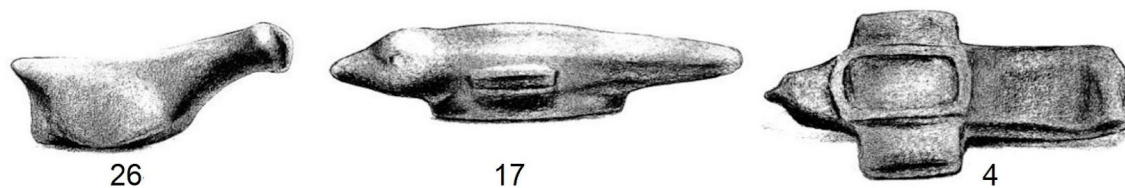
Fonte: Adaptado de Faria (1959). Acervo do MN.

**Figura 4.** Esculturas apresentadas por André Prous.



Fonte: Adaptado de Prous (1974). Acervo do MN.

**Figura 5.** Esculturas líticas apresentadas por Maria Dulce Gaspar.



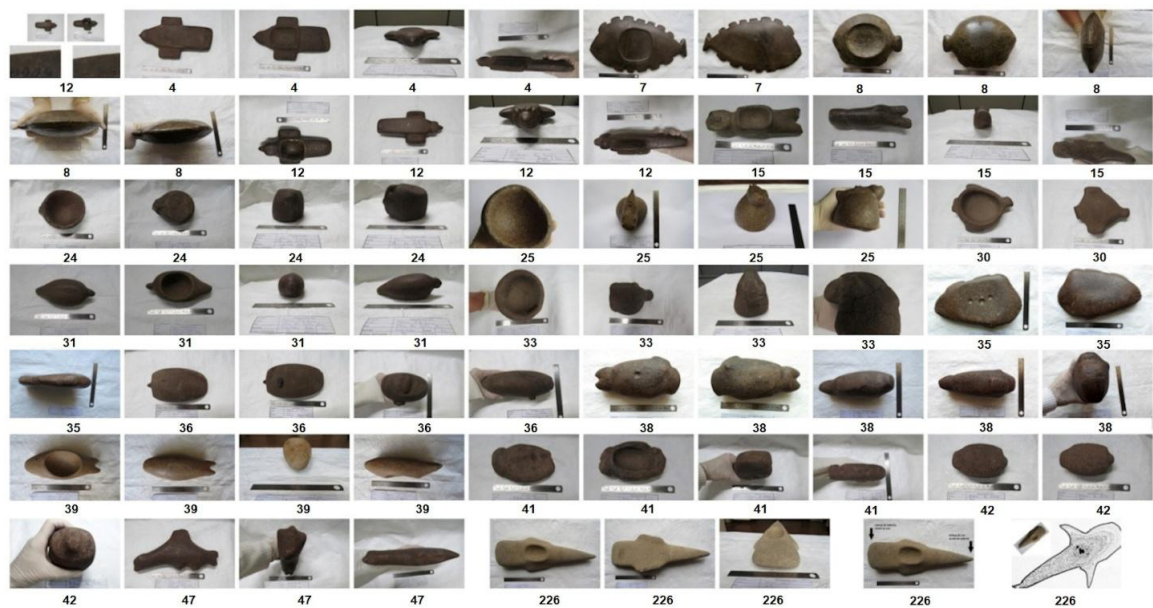
Fonte: Adaptado de Gaspar (1995). Acervo do MN.  
Desenhos de Mila a partir de fotos de Paulinho Muniz.

**Figura 6.** Esculturas apresentadas por Angela Gomes.



Fonte: Adaptado de Angela Gomes (2012). Acervo do MN.

**Figura 7.** Esculturas apresentadas por Ivana Oricchio.



Fonte: Adaptado de Oricchio (2019). Acervo do MN.

Olhando para esses estudos, percebemos que as estatuetas se destacam em um mar de material faunístico usado como elemento de construção, emergem de montes de conchas, das entranhas da terra, teimando em deslumbrar e capturar pessoas de diferentes tempos e geografias. Em torno delas, reunimo-nos em admiração, espanto e encantamentos, reconhecendo a competência artística dos escultores, sua capacidade de conferir vida à rocha, de apontar caminhos ou esconder encruzilhadas.

Depois dessa visão panorâmica das esculturas antes do incêndio, prosseguimos apresentando análises de alterações observadas na maioria das peças resgatadas.

**Tabela 1.** Correlação entre os números das esculturas no catálogo de Prous e os códigos na instituição de guarda (MN).

Número (Prous, 1974)	Código na Instituição de Guarda (MN) / <i>Archaios</i>	Número (Prous, 1974)	Código na Instituição de Guarda (MN) / <i>Archaios</i>	Número (Prous, 1974)	Código na Instituição de Guarda (MN) / <i>Archaios</i>
1	63.465	24	28.568	41	30.043
2	63.464	25	28.569	42	30.044
3	63.463	26	28.570	43	30.045
4	5440	27	28.571	44	30.046
5	5891	28	28.572	45	30.047
6	10.270	29	28.573	46	30.048
7	10.348	30	28.576	47	35.526
8	10.548	31	28.577	48	30.038
9	10.760	32	28.578	223	13.416
10	10.792	33	28.579	226	10.339
11	10.793	34	30.032	233	10.896
12	10.904	35	30.036	234	30.050
13	10.906	36	30.037	244*	30.049
14	13.418	37	30.039	262*	30.062
15	13.419	38	30.040	264*	30.101
16	17.237	39	30.041	278*	30.031
17	17.278	40	30.042	332*	29.912

\* Numeração de Filipi Pompeu (Tabela 66 Completa) para peças não contempladas em Prous (1974).

Disponível em: [https://docs.google.com/spreadsheets/d/1RTJorXoRJYcQyI\\_OcG\\_Ur7LwqiD4smQB/edit?gid=1816407937#gid=1816407937](https://docs.google.com/spreadsheets/d/1RTJorXoRJYcQyI_OcG_Ur7LwqiD4smQB/edit?gid=1816407937#gid=1816407937). Acesso em: 21 ago. 2024.

Fonte: Ivana Oricchio (2024).

## O INCÊNDIO, O RESGATE E AS CONDIÇÕES DE ALGUMAS ESTATUETAS

As imagens do incêndio de 2018, transmitidas pela televisão, atravessaram-nos como uma fumaça espessa e sufocante.

A tragédia gerou um sentimento de “revolta diante da falta de sensibilidade e cuidado com o acervo científico, histórico e a memória de nosso país” e desespero, dadas as incomensuráveis perdas (Rodrigues-Carvalho, 2021, p. 6). Grande parte do museu foi consumida pelas chamas (Figura 8). Dada a magnitude dos danos, foi criado o Núcleo de Resgate de Acervos para o salvamento das coleções e dos remanescentes arquitetônicos. As ações de resgate prosseguiram durante longos e ininterruptos meses até março de 2020 (Carvalho *et al.*, 2022).

**Figura 8.** Fotos de algumas áreas do Museu Nacional após o incêndio.

Fonte: Adaptado do blog Resgate de acervos do Museu Nacional (Um pouco [...], [ca. 2018]). Fotos de Gabriel Cardoso e Orlando Nelson Grillo (terceira imagem).

A diferença na forma como cada ambiente foi afetado impôs dificuldades durante o resgate. As coleções arqueológicas estavam na Reserva Técnica (RT), em áreas de exposição, em espaços de curadoria, temporariamente localizadas em laboratórios ou gabinetes devido a estudos em desenvolvimento (Polo *et al.*, 2021, p. 112). Felizmente, as coleções encontradas em dependências complementares ao MN situadas na Quinta da Boa Vista não sofreram danos com o incidente.

As esculturas do Brasil Meridional estavam na Reserva Técnica de Arqueologia (1º andar), na área de exposição permanente (2º andar) e em sala disponibilizada para pesquisa (3º andar). As peças da Reserva Técnica estavam acondicionadas dentro do armário de estantes deslizantes (compactador), que permaneceu em sua posição, ainda que parcialmente soterrado. Na Sala Sambaquis, estavam expostas em duas vitrines. Nesta área, o piso não cedeu e o resgate foi feito *in loco*. As peças em análise no terceiro andar foram resgatadas em meio aos escombros dos três pavimentos, no térreo. Nas Figuras 9 e 10 vemos as peças que não foram e as que foram resgatadas.

**Figura 9.** Visão geral do acervo de esculturas líticas do MN não resgatadas.

Fonte: Autores (2024). Fotos de: Reserva Técnica do MN.

**Figura 10.** Visão geral do acervo de esculturas líticas do MN resgatadas (antes e depois do incêndio).

Fonte: Reserva Técnica do MN (antes: 1 a 8, 10 a 15, 17, 25 a 29, 32, 34, 36, 38 a 41, 46, 226, 244, 262); Ivana Oricchio (depois: 3, 8, 11, 12, 17, 34, 36, 38, 40, 41); Pedro Von Seehausen (depois: 1, 2, 4 a 7, 10, 13 a 15, 25 a 29, 32, 39, 46, 226, 244, 262).

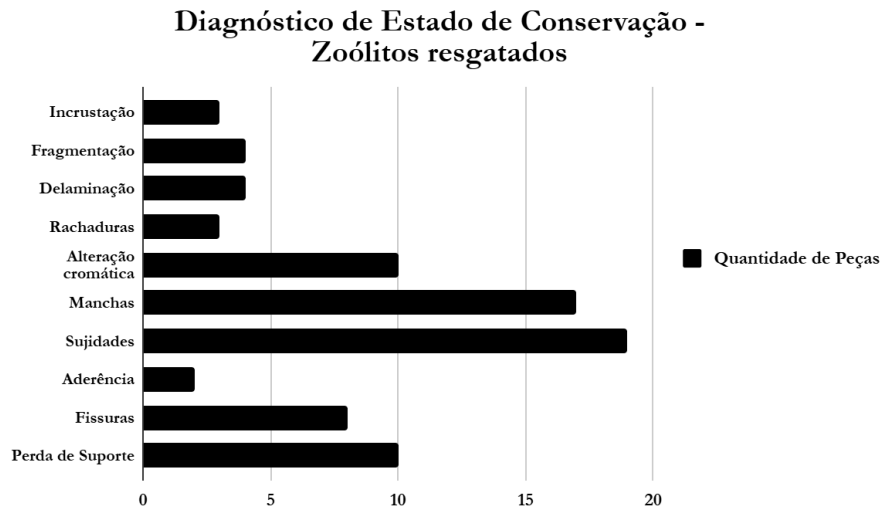
As esculturas resgatadas apresentaram uma grande variedade de danos causados durante o incêndio. É importante ressaltar que essas alterações resultaram de diferentes tipos de impacto, como a ação do fogo, colapso de andares superiores e ação dos bombeiros para a contenção das chamas. Alguns dos principais danos encontrados foram grossas camadas de sujidades e fuligem, manchas de diversas colorações e tamanhos, alterações cromáticas do material pétreo e perda de suporte parcial, de pequena e grande escala.

Após o resgate e tratamento emergencial, as esculturas resgatadas passaram por uma nova avaliação, realizada pelo Laboratório Central de Conservação e Restauração (LCCR) em 2023. Esse novo diagnóstico tinha o intuito de avaliar seu estado de conservação e a possibilidade de fazer parte do conjunto de peças que irão compor as novas exposições. Foram executados exames organolépticos e, a partir de um vocabulário controlado, a identificação dos danos presentes em cada escultura, o que possibilitou, a partir de uma análise de intervenção e identificação quantitativa de danos desse conjunto, indicar se os estados de conservação individual se enquadravam em “Bom”, “Regular” ou “Ruim”.

Foi então desenvolvida uma planilha (Quadro 1) com as principais informações sobre os 19 zoólitos, além de um gráfico quantitativo (Gráfico 1). Para que as intervenções de

conservação e restauração sejam possíveis, é necessário traçar uma metodologia individual de conservação adequada. Então, futuramente, será necessária a realização de uma avaliação e diagnóstico mais aprofundados.

**Gráfico 1.** Diagnóstico de estado de conservação de parte dos zoólitos resgatados (19 peças).



Fonte: Autores por meio do LCCR (2024).

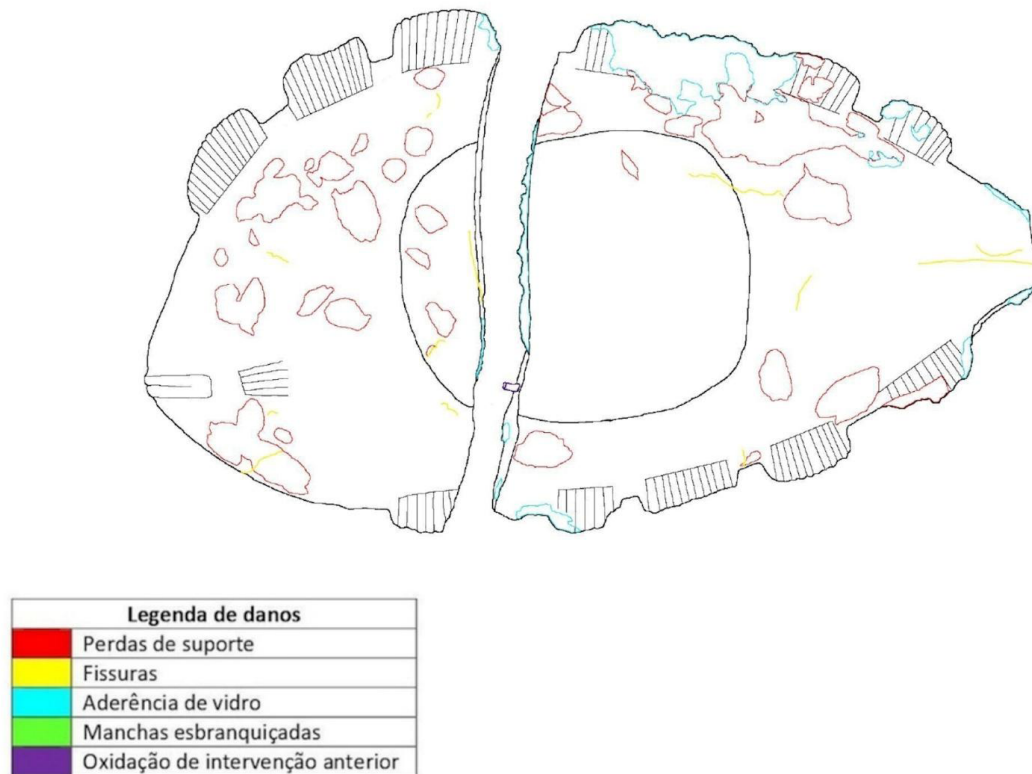
**Quadro 1.** Levantamento de dados e danos observados nas esculturas após o incêndio de 2018.

MUSEU NACIONAL/UFRJ				
LABORATÓRIO CENTRAL DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO - LCCR				
Nº CATALOGAÇÃO MN <i>(catalogação do setor responsável dentro das próprias normas)</i>	DIMENSÕES <i>(alt x larg x prof x peso)</i>	ESTADO DE CONSERVAÇÃO <i>(BOM/REGULAR/RUIM)</i>	OBSERVAÇÕES	IMAGEM
132E150 archaios: 63464	8,0 x 33,0 x 21,0 cm 2,793 kg	REGULAR	Apresenta oxidação, delaminação, manchas, sujidades e perda de suporte.	
132E152 archaios: 10792	7,0 x 28,0 x 17,0 cm 2,655 kg	REGULAR	Apresenta oxidação, alteração cromática, manchas e sujidades.	
132E153 archaios: 63465	12,0 x 24,0 x 13,0 cm 1,982 kg	REGULAR	Apresenta manchas e sujidades.	
158E014 archaios: 28572	6,0 x 20,0 x 8,0cm 1,109 kg	BOM	Apresenta alteração cromática e sujidades.	
158E018 archaios: 28571	5,5 x 18,0 x 14,0 cm 1,161 kg	REGULAR	Apresenta alteração cromática, manchas, sujidades e fissuras.	
158E018 archaios: 10339	5,0 x 43,0 x 16,0 cm 3,401 kg	REGULAR	Apresenta fragmentação, delaminação, manchas, sujidades e perda de suporte.	
158E030 archaios: 30048	6,5 x 15,0 x 9,0 cm 525 g	REGULAR	Apresenta alteração cromática, manchas e sujidades.	
158E014 archaios: 10906	9,0 x 21,0 x 14,0 cm 1,670 kg	REGULAR	Apresenta alteração cromática e sujidades.	
158E014 archaios: 28569	9,5 x 11,0 x 9,0 cm 853 g	REGULAR	Apresenta alteração cromática, manchas, sujidades e fissuras.	
138F008 archaios: 17278	4,7 x 26 x 10 cm 873 g	REGULAR	Apresenta incrustação, manchas e sujidades.	
138F009 archaios: 10904	4,7 x 26 x 10 cm 1,145kg Medida e peso dos fragmentos menores: 1,9 x 3,5 x 7,6 cm / 3,9 x 11,6 x 6 cm juntos: 417g	REGULAR	Apresenta incrustação, fragmentação, oxidação, manchas, sujidades, fissuras e perda de suporte.	
158E029003 / 30049	0,8 x 7,9 x 13,3 cm 164 g	REGULAR	Apresenta incrustação, oxidação, delaminação, alteração cromática, manchas, sujidades, aderência e perda de suporte.	
158E029002 - A 158E029002 - B archaios: 30041	5,4 x 9,8 x 7,2 cm 481 g 4,8 x 10,6 x 7,6 cm 481g	REGULAR	Apresenta fragmentação, delaminação, rachaduras, alteração cromática, manchas, sujidades, fissuras e perda de suporte.	
158E014-13418	5,6 x 15,5 x 9,6 cm 1,400 kg	REGULAR	Apresenta rachaduras, manchas, sujidades, fissuras e perda de suporte.	
158E018 archaios: 5891	12 x 12 x 4,9 cm 743 g	REGULAR	Apresenta alteração cromática, manchas, sujidades e perda de suporte.	
158E014-28578	5,8 x 11,1 x 6,9 cm 800g	REGULAR	Apresenta rachaduras, alteração cromática, manchas, sujidades e fissuras.	
158E018-28573	6 x 22,5 x 7,2 cm 1,135 kg	REGULAR	Apresenta manchas, sujidades, fissuras e perda de suporte.	
132E165-10793	5,6 x 15,5 x 14 cm 1,155 kg	REGULAR	Apresenta manchas, sujidades e perda de suporte.	
158E018-10348	2,9 x 6,5 x 25 cm 1,798 kg 2,6 x 27,5 x 24 cm 2,478 kg	REGULAR	Apresenta fragmentação, oxidação, manchas, sujidades, aderência, fissuras e perda de suporte.	

Fonte: Autores por meio do LCCR (2024). Acervo do MN.

Com o intuito de ilustrar uma avaliação e diagnóstico mais aprofundados, selecionamos o emblemático peixe platiforme (número 7 na Figura 10) para que Ana Luiza Castro do Amaral realizasse um mapeamento visual dos danos sofridos (Figura 11). Essa escultura havia sido restaurada e duas de suas partes fixadas com metal. Após o incêndio, além da disjunção desses fragmentos, ocorreram rachaduras, fissuras, perda de suporte, aderência de vidro, aparecimento de manchas esbranquiçadas em diversas regiões da peça e oxidação do pino da intervenção anterior.

**Figura 11.** Desenho do peixe platiforme (7) e mapeamento visual dos danos sofridos.



Fonte: Ana Luiza Castro do Amaral (2024). O metal que fixava as duas partes está destacado na cor roxa. Acervo do MN.

Os profissionais que atuaram durante os resgates das diferentes coleções do MN ficaram esperançosos ao verem os primeiros exemplares resgatados (Rodrigues-Carvalho, 2021, p. 6). É possível sentir o mesmo ao ver o acervo de esculturas.

As imagens, constatações e interpretações que compartilhamos a partir deste ponto pretendem engrossar os esforços de todas as equipes envolvidas no resgate e na reconstituição das coleções do MN, abrindo outras janelas, salpicando de vírgulas o que um dia pareceu ser um lúgubre ponto final.

#### IMAGENS INSPIRADORAS

A expectativa de muitos pesquisadores quanto à situação da coleção de esculturas do MN é de total desolação. Neste texto, apresentamos imagens e dados que proporcionam uma percepção menos catastrófica.

Notamos que os danos sofridos por algumas esculturas contribuíram para evidenciar certas informações. Na Figura 12, constam imagens da peça de número 41 (Figura 10).

A foto à esquerda foi tirada antes do incêndio. Nela, observa-se a presença de pátina que evidencia diversas marcas de abrasão. Nas outras duas, a peça apresenta um aspecto fosco, resultado de uma alteração da pátina, o que torna as estrias mais visíveis, facilitando a identificação das mudanças de direção do movimento realizado pelo escultor.

**Figura 12.** Fotografias da escultura número 41 antes (em 2018) e depois do incêndio (em 2023), ressaltando marcas de abrasão mais visíveis após o incidente.



Fonte: Ivana Oricchio (2024), acervo do MN.

Outro exemplo é o da baleia, número 1 na Figura 10 (Figura 13), em que foram verificadas sujidade e manchas (ver Quadro 1). Essas alterações não conseguiram, por exemplo, eliminar a presença de ocre descrita no catálogo de Prous (1974, p. 15).

**Figura 13.** Escultura número 1, em que foi observada a presença de ocre após o incêndio em locais indicados no catálogo de Prous.



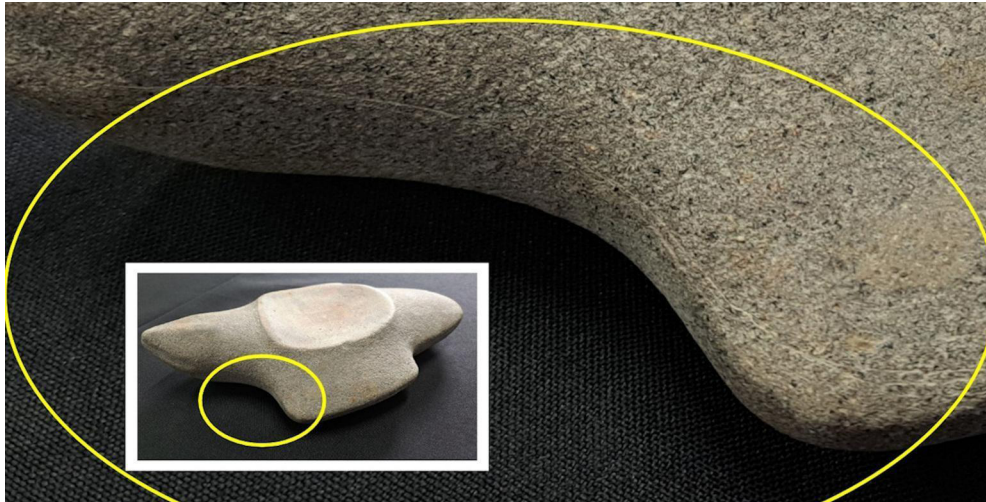
Fonte: Ivana Oricchio (2024, detalhe), Pedro Von Seehausen (2024, escultura) e acervo do MN.

Na Figura 14, observamos que a escultura em diabásio (Prous, 1974, p. 17) tem linhas não descritas em trabalhos anteriores, possivelmente por não estarem visíveis. Ressaltamos que essa peça estava, no momento do incêndio, acondicionada dentro do armário deslizante (compactador) situado na Reserva Técnica de Arqueologia, no 1º andar, tendo sido menos impactada do que algumas das outras esculturas.

Garcia, Almeida e Emmerich (2023, p. 145) descreveram experimentações arqueológicas para a reprodução de lâminas em diabásio com incisões que nos auxiliaram a ponderar sobre as marcas na estatueta. As incisões reproduzidas pelos cientistas utilizando lascas de sílex apresentam aspecto similar ao da escultura de número 10. Isso nos permitiu inferir a possibilidade de o artista ter utilizado algum método semelhante para riscar aquelas linhas, ora contínuas, ora interrompidas, que ora tendem a linhas retas e ora tendem a curvas. As marcas foram observadas em diferentes locais, sugerindo intenção de delimitar

regiões, correlacionar áreas ou demarcar a silhueta da escultura. Por todo o exposto, entendemos que as incisões verificadas não resultam de um processo tafonômico associado ao incêndio, sendo resultado da intencionalidade do escultor. A alteração na superfície da peça facilitou essa observação, abrindo uma outra oportunidade de aprofundamento sobre uma das etapas do processo para esculpir a estatueta.

**Figura 14.** Imagem da escultura de número 10 e ampliação de região com linhas incisas.



Fonte: Ivana Oricchio (2024).

## CONCLUSÃO

Neste estudo, observamos que mais da metade das esculturas líticas que integravam o acervo do MN sobreviveram ao incêndio de 2018 (31 de 51), apresentando diferentes estados de conservação. Trouxemos imagens do acervo antes do incêndio disponibilizadas por diferentes autores.

Os resultados das análises preliminares do estado de conservação de 19 estatuetas com potencial para integrar futuras exposições nos mostram que as alterações observadas na maioria das peças foram manchas, sujidades, alteração cromática e perda de suporte.

Oferecemos uma visão geral, comparando imagens das esculturas sobreviventes antes e depois do incêndio, e apresentamos fotos e dados que proporcionam uma percepção menos catastrófica do cenário resultante. Há o exemplo da escultura cuja alteração superficial evidenciou ainda mais as marcas de abrasão, facilitando a verificação das diferentes direções dos movimentos realizados pelo escultor, e o exemplo daquela em que pudemos ver linhas circundando quase toda a peça, parecendo demarcar áreas ou sua silhueta. Notamos que o ocre observado na baleia continua visível, mesmo que a escultura tenha apresentado sujidade e manchas.

Lamentavelmente, a perda ocasionada pelo incêndio é irreparável. Entretanto, por tudo que apresentamos neste artigo, demonstramos que as estatuetas sobreviventes persistem como fonte de memória dos povos litorâneos daquela região. Elas permitem que conheçamos parte de seu mundo, os seres com os quais conviviam, suas tecnologias, reforçando e mantendo seu potencial para inspirar futuras pesquisas.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a cessão de uso de imagens a André Prous, Angela Gomes, Gabriel Cardoso, Mila, Núcleo de Resgate de Acervos do Museu Nacional, Orlando Nelson Grillo,

Paulinho Muniz; o apoio de Carolina Erlanger, Lucas Antonio da Silva e Rafael Mayer no desenvolvimento do vídeo baseado neste estudo; e as sugestões dos avaliadores para a melhoria deste texto. Agradecemos também o apoio financeiro dado à Ivana Oricchio por meio da Bolsa CAPES Demanda Social.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Da raridade dos zoólitos platiformes e sua presença exclusiva nos sambaquis do litoral de Laguna*. Florianópolis: Instituto de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina, 1969. n. 2.
- CARVALHO, Luciana *et al.* Introdução: Primeiros passos de uma jornada. In: RODRIGUES-CARVALHO, Claudia *et al.* (org.). *Depois das cinzas: conservação preventiva das coleções recuperadas pelo Núcleo de Resgate de Acervos do Museu Nacional*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2022. p. 10-11.
- FARIA, Luiz de Castro. *A arte animalista dos paleoameríndios do litoral do Brasil*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1959.
- GARCIA, Anderson Marques; ALMEIDA, Fernando Ozorio de; EMMERICH, Diego Chermaut. Lâminas de machado com motivos incisivos na bacia do Ji-Paraná, sudoeste da Amazônia. *Cadernos do Lepaarq*, v. 20, n.39, p.129-159, 2023.
- GARCIA, Jefferson B. *Patrimônio Arqueológico: os artefatos zoomorfos e antropomorfos sambaquieiros do Estado de Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2018.
- GASPAR, Maria Dulce. Zoólitos, peces y moluscos. Cultura material e identidad social. *Revista Artesanías de América*, n. 46-47, p. 81-96, 1995.
- GOMES, Angela A. de Oliveira. *Perspectivas interpretativas no estudo das esculturas zoomórficas pré-coloniais do litoral sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.
- GOMES, Denise Maria Cavalcante. O perspectivismo ameríndio e a ideia de uma estética americana. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 7, n. 1, p. 133-159, 2012.
- MOREIRAS, Rodrigo. *Voando alto: uma abordagem micropaleoetnobotânica sobre a possível função dos zoólitos*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- NETTO, Ladisláu. Investigações sobre a arqueologia brasileira. *Archivos do Museu Nacional no Rio de Janeiro*, v. 6, p. 261-554, 1885.
- ORICCHIO, Ivana. *Zoólitos do Brasil meridional: uma proposta de classificação paradigmática*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- POLO, Mario *et al.* As coleções Arqueológicas. In: RODRIGUES-CARVALHO, Claudia (org.). *500 dias de resgate: memória, coragem e imagem*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2021. p. 112-131.
- POMPEU, Filipi Gomes de. *O universo numa casca de marisco: arqueologia animista aplicada aos sambaquis e zoólitos do Brasil meridional*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.
- PROUS, André. *Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay*. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia – Universidade de São Paulo, 1974.

- PROUS, André. *Les sculptures zoomorphes du sud brésilien et de l'Uruguay*. Tese (Doutorado) – Centre National de la Recherche Scientifique, Paris, 1977.
- PROUS, André. As esculturas de pedra (zoólitos) e de osso dos sambaquis do Brasil Meridional e do Uruguay. *Revista Memorare*, v. 5, n. 1, p. 197-217, 2018.
- RODRIGUES-CARVALHO, Claudia. O resgate: desafios e perseverança nos primeiros 500 dias. *In: RODRIGUES-CARVALHO, Claudia. 500 dias de resgate: memória, coragem e imagem*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2021. p. 6-9.
- SERRANO, Antonio. Los sambaquis y otros ensayos de arqueología brasileña. *In: CONGRESSO SUL-RIOGRANDENSE DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA*, 3., 1940, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: Globo, 1940. p. 327-442.
- UM POUCO do que passou. *Blog Resgate de acervos do Museu Nacional*, [ca. 2018]. Disponível em: [https://resgate.mn.ufrj.br/?page\\_id=8](https://resgate.mn.ufrj.br/?page_id=8). Acesso em: 15 jan. 2023.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: CosacNaify, 2002.
- WIENER, Carlos. Estudos sobre os sambaquis do sul do Brazil. *Boletim do Museu Nacional*. Brasil: [s. n.], 1876.